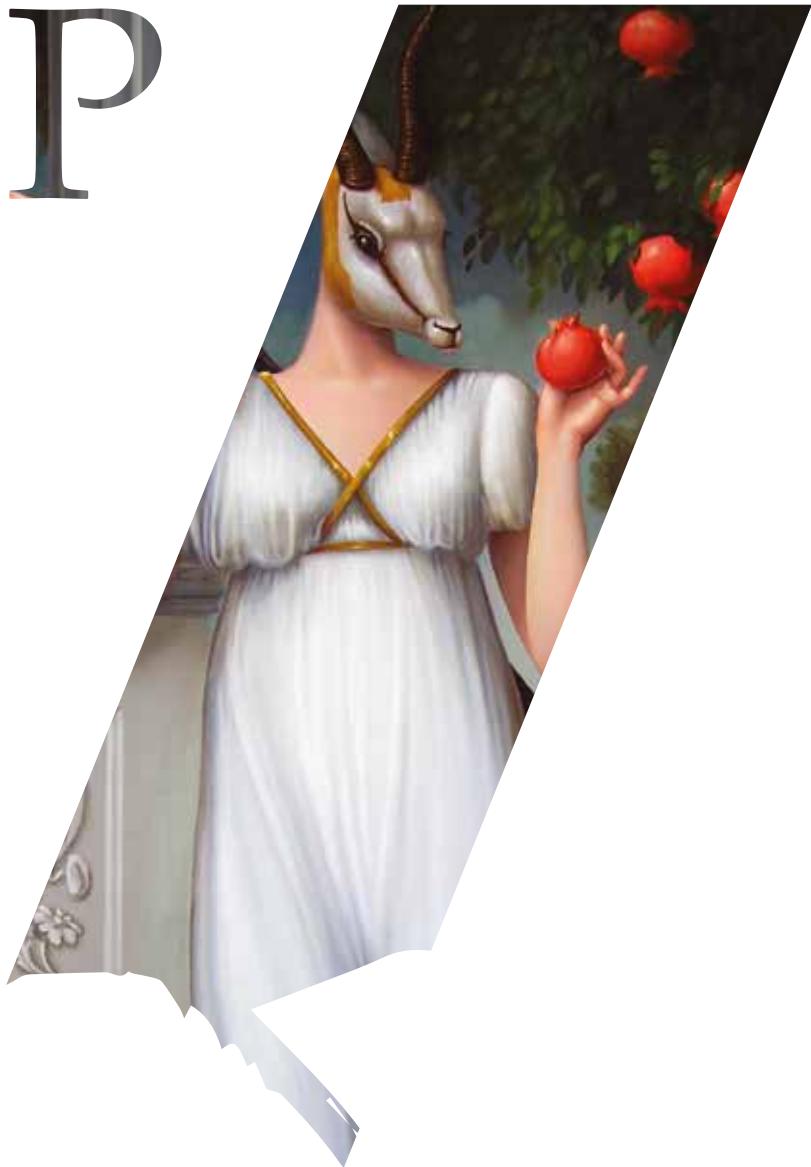


JOSEP ROS

Exposição de Pintura
les magrane



GALERIA **ortopóvoa**

Exposição

les magrane

13 Julho a 05 Outubro de 2019

Artista

Josep Ros

Curadoria / Coordenação

Isabel Patim

Afonso Pinhão Ferreira

Design

Acácio Viegas

Número de exemplares

500

Informações

+351 962 873 550

“

Cada pintura, exposta nos palácios do seu reino é uma ilustração intelectual, onde num fundo místico sobressai uma tela mítica, que confere ênfase ao imaginário e à fantasia.”

Afonso Pinhão Ferreira

“

Da policromia da obra artística emergem cenários e figuras que se exibem, convocam-se discursos, narrativas, representações e mitos que comunicam com o observador, como se de uma Pinacoteca se tratasse, convidando-o a dela usufruir.”

Isabel Patim

Outros mundos de vós oriundos

Num céu de profundidade imensa, azul infindável de claridade encantadoramente atrativa, pairam abelhas, perplexas com a incapacidade humana de voar. Seres atónitos com a fragilidade e o desamparo daquele ente desalado. Abelhas que se aliam num zunido adormecedor daqueles sentidos desgovernados, tentando evitar uma queda perpétua a tão magnífico ser. Vibram as asas e o ventre em zumbidos narcóticos, provocando um sono sonhado, uma fantasia onírica que o faça voar, mesmo sem asas, em direção à chave da segurança.

Indubitavelmente, foi esta a primeira percepção subconsciente que me aflorou com a polinização desta pintura de Josep Ros. Num cenário teatral, a pintura exímia revela uma espécie de coreografia irreal para decifrar por residentes do real.

Ora, quem me lê também vê, mas verá o que eu vi?

Otros mundos de ustedes oriundos

En un cielo de profundidad inmenso, azul interminable de claridad encantador, atrae a las abejas, perplejas con la incapacidad humana de volar. Seres atónitos con la fragilidad y el desamparo de aquel ente desalado. A las abejas que se alían en un zumbido adormecedor de aquellos sentidos desgobernados, tratando de evitar una caída perpetua a tan magnífico ser. Vibran las alas y el vientre en zumbidos narcóticos, provocando un sueño soñado, una fantasía onírica que lo haga volar, incluso sin alas, hacia la llave de la seguridad.

Indudablemente, fue esta la primera percepción subconsciente que me afloró con la polinización de esta pintura de Josep Ros. En un escenario teatral, la pintura eximia revela una especie de coreografía irreal para descifrar por residentes de lo real.

Pero, ¿quién me lee también ve, pero verá lo que he visto?



LA CLAU

Cada observador de uma cena criada por este excelsa coreógrafo, é o ponto daquele teatro imagético, o ponto que sussurra falas aos atores que contracenam naquele palco, criando uma interpretação. Com efeito, a pintura do artista valenciano não retrata a realidade, antes obriga os observadores a inventar, subconscientemente, novas realidades. As suas obras enfatizam o papel do inconsciente na atividade criativa, pelo que cabem nas gavetas do armário surrealista. Cada quadro de Ros é uma reverência a Breton, Ernst, Magritte, Dalí... verificando-se, na verdade, um matrimónio entre o representativo e o irreal, mas, ao mesmo tempo, um divórcio com as exigências da lógica.

Trata-se duma interessante forma poética de alucinação, onde o espectador tenta atenuar o abismo que separa o sonho da realidade. Como todo o surrealista, Ros, confessa o seu inconsciente com a descontextualização do figurativo ao despir os objetos do seu significado, o que inviabiliza a interpretação lógica. Essa nudez e desenquadramento, incendeia a fogueira ideológica do contemplador, o qual deixa de ser um espectador passivo e é convidado a frequentar a Escola de Belas Artes da cidade da imaginação.

Josep Ros é soberano no reino da subjetividade, com fronteiras policiadas, fechadas ao realismo e ao naturalismo. Nota-se nos seus terrenos, um romantismo cénico com um alto estilo metafóricamente sugestivo. É rei de um mundo totalmente imaginado, onde ele despreza a visão objetiva da realidade, certamente porque ela não consente mais que um ponto de vista individual, o que não autoriza deambulações. Ora, esse romantismo e subjetivismo cabem na gaveta do armário do simbolismo. Se analisarmos com cuidado a pintura "vanitas", apuramos tratar-se de uma óbvia insinuação filosófica, sarcástica e cínica às ostentações e vaidades da vida mundana, à precariedade dos prazeres efémeros e ao engano gerado pelo apego desmedido pela abundância.

Cada pintura, exposta nos palácios do seu reino é uma ilustração intelectual, onde num fundo místico sobressai uma tela mítica, que confere ênfase ao imaginário e à fantasia.

Afonso Pinhão Ferreira

Diretor da ORTOPÓVOA Lda.

Cada observador de una escena creada por este excelsa coreógrafo, es el punto de aquel teatro imagético, el punto que susurra a los actores que contraen en aquel escenario, creando una interpretación. En efecto, la pintura del artista valenciano no retrata la realidad, sino que obliga a los observadores a inventar, subconscientemente, nuevas realidades. Sus obras enfatizan el papel del inconsciente en la actividad creativa, por lo que caben en los cajones del armario surrealista. Cada cuadro de Ros es una reverencia a Breton, Ernst, Magritte, Dalí ... , en verdad, un matrimonio entre lo representativo y lo irreal, pero al mismo tiempo un divorcio con las exigencias de la lógica.

Se trata de una interesante forma poética de alucinación, donde el espectador intenta atenuar el abismo que separa el sueño de la realidad. Como todo surrealista, Ros, confiesa su inconsciente con la descontextualización del figurativo al desvestir los objetos de su significado, lo que inviabiliza la interpretación lógica. Esta desnudez y desencadenamiento, enciende la hoguera ideológica del contemplador, que deja de ser un espectador pasivo y es invitado a frecuentar la Escuela de Bellas Artes de la ciudad de la imaginación.

Josep Ros es soberano en el reino de la subjetividad, con fronteras policias, cerradas al realismo y al naturalismo. Se nota en sus terrenos, un romanticismo escénico con un alto estilo metafóricamente sugestivo. Es rey de un mundo totalmente imaginado, donde él desprecia la visión objetiva de la realidad, ciertamente porque ella no consiente más que un punto de vista individual, lo que no autoriza deambulaciones. Ahora bien, ese romanticismo y subjetivismo caben en el cajón del armario del simbolismo. Si analizamos con cuidado la pintura "vanitas", se trata de una obvia insinuación filosófica, sarcástica y cínica a las ostentaciones y vanidades de la vida mundana, a la precariedad de los placeres efímeros y al engaño generado por el apego desmedido por la abundancia.

Cada pintura, expuesta en los palacios de su reino es una ilustración intelectual, donde en un fondo místico sobresale una pantalla mítica, que confiere énfasis al imaginario ya la fantasía.

Afonso Pinhão Ferreira

Diretor da ORTOPÓVOA Lda.

Carpe diem

A pintura de Josep Ros esboça uma identidade própria no panorama da arte contemporânea, ao mesmo tempo que o artista se aprofunda no pensamento e nas questões recriadas que apresenta. Da policromia da obra artística emergem cenários e figuras que se exibem, convocam-se discursos, narrativas, representações e mitos que comunicam com o observador, como se de uma Pinacoteca se tratasse, convidando-o a dela usufruir.

Na obra de Ros sobressai a individualidade da sua expressão artística, numa linha de beleza clássica em que as figuras, conceptualmente, não se reduzem à simetria matemática, livres das irregularidades do quotidiano, nem se submetem a qualquer sentido de julgamento qualitativo. Antes, desafiam-no. Para tal, contribuem os títulos dados às obras artísticas.

Carpe diem

La pintura de Josep Ros esboza una identidad propia en el panorama del arte contemporáneo, al mismo tiempo que el artista se profundiza en el pensamiento y las cuestiones recreadas que presenta. De la policromía de la obra artística emergen escenarios y figuras que se exhiben, se convocan discursos, narrativas, representaciones y mitos que comunican con el observador, como si de una Pinacoteca se tratase, invitándole a ella a disfrutar.

En la obra de Ros sobresale la individualidad de su expresión artística, en una línea de belleza clásica en que las figuras, conceptualmente, no se reducen a la simetría matemática, libres de las irregularidades de lo cotidiano, ni se someten a ningún sentido de juicio cualitativo. Antes, lo desafían. Para ello, contribuyen los títulos dados a las obras artísticas.



VANITAS

Note-se, por exemplo, a mitologia convocada como natureza clarificante da tela: deve ser criticamente entendida pelo observador e, considerando-se o relativismo cultural, cada observador/leitor, a descodificará de modo diferenciado. As histórias são assim recontadas, num contexto contemporâneo, as personagens deslidas, reimaginadas e remoldadas, conferindo à mitologia o papel de tradução “vivaz e sempre nova” (Joël Schmidt) dos princípios que governam a humanidade para além do tempo e do espaço.

E nesta linha podemos, também, observar e reflectir sobre a tela ‘Vanitas’. Este título, que convoca o termo que se refere à pintura que simbolicamente representa, através de um conjunto de objectos, a brevidade da vida e a transitoriedade dos prazeres terrenos, tendo associado elementos *vanitas*, como por exemplo pétalas de flores a cair, caveiras, candeias ou ampulhetas, encontrados em retratos ou naturezas-mortas, recria-se e remolda-se nesta tela de Ros, pela presença do mito grego de Circe, e das Artes Circenses.

Ros não recria apenas expressões linguísticas ou discursos estéticos, mitos ou representações: convoca para a sua arte outras geografias, obras, artistas e narrativas. É o caso da tela intitulada ‘Llacuna Estígia’, síntese que remete para a obra do pintor flamengo Joachim Patinir, ‘El paso de la laguna Estigia’, pintura que representa o tema clássico relatado por Virgílio na *Eneida* ou por Dante no *Inferno* – o Juízo Final e *Ars Moriendi*.

A arte de viver coloca ao nosso dispor a Arte e a Vida, com ou sem fantasia, plena ou vazia de imaginação, no encontro profícuo do Eu com o Outro, no Espaço e no Tempo, e oferece-nos **Momentos** - e este é nosso!

Isabel Patim

Se observa, por ejemplo, la mitología convocada como naturaleza clarificante de lo lienzo: debe ser críticamente entendida por el observador y, considerando el relativismo cultural, cada observador/lector, la descodificará de modo diferenciado. Las historias son así recontadas, en un contexto contemporáneo, los personajes deslizados, reimaginados y remoldados, confiriendo a la mitología el papel de traducción “vivaz y siempre nueva” (Joël Schmidt) de los principios que gobiernan la humanidad más allá del tiempo y del espacio.

Y en esta línea podemos, también, observar y reflexionar sobre lo lienzo ‘Vanitas’. Este título, que convoca el término que se refiere a la pintura que simbólicamente representa, através de un conjunto de objetos, la brevedad de la vida y la transitoriedad de los placeres terrenos, habiendo asociado elementos *vanitas*, como por ejemplo pétalos de flores a caer, calaveras, candejas o relojes, encontrados en retratos o naturalezas muertas, se recrea y se remplaza en este lienzo de Ros, por la presencia del mito griego de Circe, y de las Artes Circenses.

Ros no recrea sólo expresiones lingüísticas o discursos estéticos, mitos o representaciones: convoca para su arte otras geografías, obras, artistas y narrativas. Es el caso de lo lienzo titulado ‘Llacuna Estoria’, síntesis que remite a la obra del pintor flamenco Joachim Patinir, ‘El paso de la laguna Estigia’, pintura que representa el tema clásico relatado por Virgilio en la *Eneida* o por Dante en el Infierno - o Juicio Final y *Ars Moriendi*.

El arte de vivir pone a nuestro disposición el Arte y la Vida, con o sin fantasía, plena o vacía de imaginación, en el encuentro provechoso del Yo con el Otro, en el Espacio y en el Tiempo, y nos ofrece **Momentos** - y éste es nuestro!

Isabel Patim



La clau

Óleo sobre tela
100 x 100 cm



Vanitas

Óleo sobre tela
116 x 81 cm



**Europa -
hortus
conclusus**

Óleo sobre tela
116 x 72 cm



**La meua
lluita**

Óleo sobre tela
120 x 90 cm



Venena pello

Óleo sobre tela
100 x 100 cm



Tatoo

Óleo sobre tela
120 x 80 cm



**Les
magrane**

Óleo sobre tela
100 x 80 cm



Oracle

Óleo sobre tela
100 x 70 cm



El cant de la sirena

Óleo sobre tela
100 x 80 cm



És quan dorm que hi veig clar

Óleo sobre tela
73 x 116 cm



Esfinx

Óleo sobre tela
100 x 100 cm



Llacuna Estígia

Óleo sobre tela
80 x100 cm



Hipnos

Óleo sobre tela

73 x 60 cm



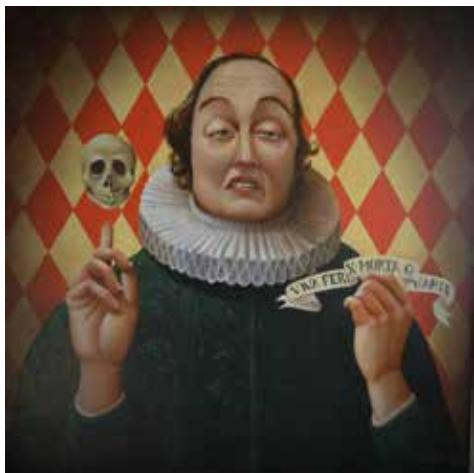
Transfusió

Óleo sobre tela
80 x 80 cm



Metamorfosis

Óleo sobre tela
Tríptico 50 x 50 cm



El àvar

Óleo sobre painel de madeira
50 x 50 cm



Rasqui

Óleo sobre tela
50 x 50 cm



Estrofa al vent

Óleo sobre tela
50 x 50 cm

PT

Nota biográfica

Nascido em L'Alcudia, Valência, em 1964.

Interessado em arte desde a minha juventude, trabalhei no atelier de alguns artistas locais.

Depois de uma etapa quase nómada, durante a qual pulei entre cidades, e trabalhos, quase nenhum deles relacionado com as Artes, desde garçom num restaurante chinês em Madrid, até organizador de eventos numa discoteca de Calpe, fixo-me em Valência em 1990, onde começo a trabalhar num estúdio de cenografia, e no qual a minha percepção do conceito de espaço muda totalmente, o que influencia decisivamente a minha atividade artística, na qual devo sublinhar Jesus Acevedo, chefe dos pintores e mago da cor, figura que é determinante no meu interesse pelo cromatismo, ao mesmo tempo que inicio os meus estudos em Belas Artes.

Por volta de 1995, trabalho free-lance como pintor copista e retratista sob encomenda e estudo História de Arte na Universidade de Valência.

Depois de uma longa fase de dúvidas e reflexões, exponho, em 2014, na Casa da Cultura de L'Alcúdia onde, pela primeira vez, mostro publicamente o meu trabalho pessoal, fruto de visitas a diferentes museus da Europa, locais onde me deixo influenciar pela pintura clássica europeia, à qual me sinto muito ligado, e que acaba por se converter numa referência em todo o meu trabalho.

ES

Nota biográfica

Nacido en L'Alcudia, Valencia, en 1964.

Interesado por el arte desde mi juventud, colaboré en el taller de algunos artistas locales.

Después de una etapa casi nomada en la que voy saltando de ciudad y de trabajo, casi ninguno de ellos relacionado con el arte y que van desde camarero de un restaurante chino en Madrid a organizador de eventos en una discoteca de Calp, me instalo en València en 1990 donde empiezo a trabajar en un taller de escenografía, en el cual cambia totalmente mi percepción de la concepción del espacio e influye decisivamente en mi actividad artística, en la que debo destacar la figura de Jesus Acevedo, jefe de los pintores y mago del color, que viene a determinar mi interés por el cromatismo, al tiempo que empiezo a realizar mis estudios de Bellas Artes.

Alrededor de 1995 trabajo free-lance como pintor copista y retratista bajo demanda y realice estudios de Historia del Arte en la Universidad de Valencia.

Después de una larga fase de dudas y reflexiones, en 2014 expongo en la Casa de la Cultura de L'Alcúdia, en la que por primera vez que muestro públicamente mi trabajo personal, fruto de visitas a diferentes museos de Europa en los que me voy dejando influenciar por la pintura clàsica europea, a la que me siento muy vinculado y que acaba convirtiéndose en el referente de todo mi trabajo.



JOSEP
ROS

Valencia 1964

joseprospintures.wordpress.com

www.facebook.com/joseperospintures

JOSÉP ROS

PATROCÍNIO



Rua Visconde de Azevedo, 11
4490-589 Póvoa de Varzim · Portugal

Telef.: 252 299 240
Tm: 926 211 076

email: ortopovoa@ortopovoa.pt
www.ortopovoa.pt

www.facebook.com/ortopov
GPS: N 41° 22' 49" | W 08° 45' 29"